

O EXMO. SR. MINISTRO CUNHA VASCONCELLOS (EM NOME DO TRIBUNAL FEDERAL DE RECURSOS): Exmo. Sr. Ministro Presidente; meus prezados Colegas; meus Senhores:

Cabe-me, por incumbência honrosa do Sr. Ministro Afrânio Costa, nosso digno Presidente, falar, nesta Sessão magna, de **Artur de Souza Marinho**, o nosso saudoso companheiro tão cedo arrebatado ao convívio de seus amigos e admiradores, que tantos éramos quantos tínhamos a ventura de com ele privar.

Que poderei dizer, entretanto, que não saibais, ou não sintais, todos vós, meus caros Colegas? Minha dor é a vossa dor. E a tristeza que ensombra meu coração é a mesma que extravasa de vosso coração.

Falar de **Artur Marinho**, nesta Casa e nesta hora, será falar da própria justiça, que ele encarnava, em sua mais alta concepção – e cuidar do direito, que ele sabia, em suas mais perfeitas definições; falar em **Artur Marinho** será falar em nós mesmos, porque, em verdade, será pensar no quanto de cada um de nós ele levou e sentir o que em nossos corações e em nosso espírito, dele, para sempre, nos ficou.

Inicialmente, admirava-se em **Artur Marinho** a extensão de um alto saber e um vigoroso talento. O convívio fazia surgir, de logo, a amizade pelo indivíduo magnífico que nele, dia-a-dia, mais se revelava e mais atraía. Assim, evocar sua figura e sentir saudade – o acúleo de uma saudade que cresce e dói mais fundo à medida que o tempo passa.

Ele não soube que ia morrer, pois que, ainda no instante trágico, dizendo uma última palavra, quis avisar ao médico que o socorria, que estava sendo vítima de um simples ataque de asma. Se ele, entretanto, tivesse sabido que sua hora derradeira estava chegando, isto é, se **Artur Marinho** – o menino pobre do Recife, o estudante que dava aulas a 5\$000 para poder custear seu curso jurídico – tivesse sabido que estava vivendo seus instantes finais, eu penso que ele teria agradecido ao destino pelo momento escolhido para levá-lo desta vida.

Sim, meus Colegas, eu creio poder estar certo de que **Artur Marinho** ter-se-ia sentido verdadeiramente orgulhoso da vitória de seus esforços e generosamente pago de sua luta, de aspereza agreste, em morrendo com a alta dignidade de Presidente do Tribunal Federal de Recursos. Digo assim, meus Colegas, porque sou testemunha do carinho, dos cuidados e da exaltação que sempre lhe mereceu este Tribunal, desde a idéia inicial de sua criação. E um testemunho amargurado.

Ele interveio, devidamente solicitado, nos trabalhos constituintes de 1946, sugerindo providências e aperfeiçoamentos no tocante a criação deste Colégio Judiciário. E, desde sua instalação, em junho de 1947, deu-nos a colaboração pessoal que tanto e tanto todos nós apreciávamos. Nos anais da Casa e nos repositórios de jurisprudência estão seus notáveis votos, nos quais a conclusão é sempre construída a base de princípios de exata adequação.

Artur Marinho era um feticista do direito – do direito que os princípios impõem e a fé estrutura. E a par do Colega culto e brilhante, nele encontrávamos o companheiro solícito e afável, sempre preocupado em dispensar a seus P^{res} a melhor consideração.

Dignificando a Presidência, em cujo exercício morreu, vimo-lo com a preocupação constante da melhoria dos serviços gerais e da iniciativa de reformas para o aprimoramento dos trabalhos do Tribunal. No atendimento dos encargos que lhe pesavam, foi pontualíssimo e inexcedivelmente exato. Quero crer mesmo que o constante esforço desenvolvido e o nervosismo de seu temperamento tenham concorrido para agravar o mal que o fulminou.

Artur Marinho era, às direitas, um homem da Justiça, alteando-se, seu nome, entre os daqueles que mais categorizadamente o foram, neste país.

Nós, ainda aturdidos pelo imprevisto de seu tristíssimo desaparecimento, lamentamos a perda do colega e cultuamos a memória do amigo – os pósteros, porém, melhor que nós, vê-lo-ão no lugar que ele conquistou, pois seus trabalhos ficarão como grandes e altos ensinamentos às gerações de juristas de todos os tempos.

Carpindo a perda irreparável de seu último Presidente, o Tribunal Federal de Recursos inscreve, neste momento, o nome de **Artur de Souza Marinho** entre os maiores de sua história.

Que Deus o guarde, na glória eterna dos justos!